Mutações na estruturação dos papéis feminino e masculino: uma tentativa da análise através do discurso

TEREZINHA MENDONÇA DA CONCEIÇÃO

Para dar início à exposição deste tema, parece conveniente fazer uma breve apreciação histórica sobre a forma de vida em que estavam mergulhados os homens e as mulheres, no século XIX, aqui no Brasil e especialmente na cidade do Rio de Janeiro.

Na primeira metade do século XIX, as mulheres brasileiras encontravam-se, ainda, no mais completo obscurantismo e reclusão. A família patriarcal da elite urbana se estruturava em torno do marido autoritário, ao qual estavam submissos os escravos, os filhos e a esposa. Relatos deixados por viajantes estrangeiros contam que essas esposas, imersas em situações de vida bastante entediantes, tornavam-se preguiçosas e mau-humoradas, descarregando sua frustração sobre os escravos. Esses viajantes comentam, por exemplo, sobre a gordura e envelhecimento precoce das mulheres de classe superior do Rio de Janeiro, que eram atribuídos por eles aos hábitos de reclusão e indolência. A elas não era permitido o estudo; poucas eram alfabetizadas, e assim mesmo em casa, pois não havia ensino público para as mulheres.

Com a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808, iniciou-se um longo processo que traria pequenas transformações à vida dessas mulheres, que passaram a ser vistas em lugares públicos, ao ar livre, em festas, igrejas e teatros. A segunda metade do século trouxe mudanças de várias ordens à vida do país. Tínhamos um sistema social fortemente estratificado e a nossa economia era totalmente dependente do trabalho escravo. A população era basicamente rural e concentrada na costa e as cidades não passavam de lugarejos lamacentos.

Com a importação de tecnologia estrangeira, o desenvolvimento industrial, a melhoria dos meios de transporte e de comunicação, houve um rápido crescimento dos centros urbanos. A concentração da população e da renda dirigiu-se para o Sul, onde emergia a economia cafeeira, com um número cada vez maior de trabalhadores assalariados, tanto nas plantações como nas cidades.

Esse clima de renovação favorece algumas mulheres cultas de classe média e alta que, enfastiadas com a vida de futilidades na qual estavam envolvidas, iniciam esparsas tentativas no sentido de abrir alguns canais de comunicação, através dos quais pudessem expor suas idéias a favor de melhorias para as suas condições de vida.

Como estratégia para atingir seus objetivos, essas mulheres iniciaram, através de jornais que elas mesmas editavam, um movimento onde se podem observar várias etapas. Na primeira delas, limitavam-se a acusar os homens por seu "brutal egoísmo", que fazia com que utilizassem a mulher como "sua propriedade" (*Jornal das Senhoras,* 1.º de janeiro de 1952).

Em seguida, tentaram persuadir os homens para que elevassem a posição de suas esposas de bonecas e crianças mimadas ao *status* de "anjos", utilizando para isso a imagem da Virgem

Maria e sua posição de mãe de Deus. A tentativa era de glorificar a maternidade e colocar a mulher num pedestal, por sua sagrada condição de "mãe dos filhos do Brasil". Tentavam apelar para os interesses pessoais dos homens, argumentando que se elas se instruíssem e adquirissem cultura, melhor poderiam orientar e educar os seus filhos.

Conquistado isso, o terceiro passo seria utilizar o prestígio alcançado dentro do lar, para ultrapassar os portões que conduziam ao mundo. Os jornais feministas, duas décadas depois, já não faziam tanta questão do pedestal, e a necessidade de educação começa a ser colocada como forma de auto-realização e não somente como meio para bem orientar os filhos (Francisca Senhorinha da Motta Diniz em *O Sexo Feminino,* 1873). Este periódico, por exemplo, achava mais conveniente atacar a falta de conhecimento e de consciência das mulheres. Apregoava que o maior inimigo da mulher era sua própria ignorância. Acreditava que a dependência econômica determinava a subjugação feminina e insistia em que as mulheres deveriam procurar obter cultura e se profissionalizar, a fim de garantir sua própria subsistência e, assim, sua independência em relação ao homem.

Dessa forma, a mulher vai ingressando lentamente no mundo dos homens, trazendo em seu *curriculum* toda uma formação para a vida doméstica, estando, pois, em princípio, inteiramente desadaptada em relação às novas exigências.

Enquanto se afasta gradativamente desse estilo de vida e se embrenha no mundo competitivo do trabalho assalariado, vai assimilando, por necessidade de aceitação e reconhecimento, os novos padrões de comportamento desse mundo, de que antes tinha somente um longínquo conhecimento.

Essa transformação vai engendrando uma crise de identidade, através da qual a mulher experimenta um momento de inautenticidade no que se refere à sua forma de ser no mundo. Desejando abandonar a vitrina onde a boneca podia ser vista em exposição e buscando seu lugar de pessoa no mundo, a mulher imita o masculino, apresentado como único padrão valorizado e se perde momentaneamente do que poderia ser sua meta principal: a descoberta de um modo feminino de ser no mundo, que certamente difere da boneca e também da santa, sendo portanto alguma forma a ser melhor compreendida e explicitada pela própria mulher.

Observe-se que, se a mulher teve necessidade de assimilar determinados valores masculinos em função das novas exigências, ela parece ter estendido essa necessidade ao máximo, pois o que se pode depreender de algumas reivindicações feministas é, sem dúvida, um desejo de poder e dominação aos quais a mulher, enquanto submetida, havia apresentado críticas tão severas.

A postura inicial do feminismo foi de ataque ao homem, e a seguinte incluía o desejo de ser como ele. Veja-se como exemplo a proposta encaminhada por um grupo de feministas americanas, em junho de 1981, reivindicando serviço militar *obrigatório,* com a alegação de discriminação sexual. Cabe notar que o alistamento militar nos EUA é facultativo para as mulheres, mas aquelas feministas o queriam obrigatório.

Esse é um discurso imitativo, e a imitação do homem propicia apenas uma inversão de polaridades, mas não altera a estrutura da relação dominador-dominado, além de acarretar perda de determinados valores humanos que ainda se mostram mais vivos na mulher, uma vez que esta esteve mais preservada das atividades competitivas e por vezes devastadoras do mundo. O feminismo despende muitas energias combatendo e responsabilizando a cultura patriarcal. Se isto pode ser importante enquanto denúncia, deveria figurar, por outro lado, como uma etapa a ser ultrapassada, se é que se pretende uma transformação nas bases da relação entre homem e mulher.

É bastante enganosa a posição que percebe a mulher como um ser despojado de poderes:

"Na sociedade patriarcal, industrial, judaico-cristã da década dos 40, o lugar que ocuparam o homem e a mulher variava fundamentalmente segundo se tratasse do espaço da família, domínio da mulher ou do espaço do trabalho, domínio do homem.

Ambos eram diferentemente poderosos em seus respectivos domínios. Ambos usavam e abusavam do poder em relação ao dominado, conforme o caso" (Pravaz, 1981, p., 73).

Se a mulher apenas denuncia a dominação do homem, ao invés de tentar também um confronto consigo mesma, na tentativa de identificar sua força e suas formas de poder, ficará tão impotente e fragilizada que dificilmente poderá realizar qualquer mudança mais consistente.

O feminismo de hoje, para marcar um novo momento, deveria considerar a necessidade de que a mulher se coloque como responsável pelo seu próprio destino, abandonando a melancólica posição de "filha queixosa", que pouco poderá fazer em prol de seu crescimento e da conseqüente libertação do destino que lhe foi traçado. Faz-se necessário que as mulheres empreendam um processo de autoconhecimento, que ninguém melhor do que elas poderá realizar, com o objetivo de reescrever sua história, identificar, compreender e revelar o feminino, marcando a sua diferença através de uma história que talvez não focalize sua atenção para as conquistas, sucessões e lutas pelo poder. Lutar pelo poder do homem é estar ainda prisioneira das regras do mundo masculino. Libertar-se desta secular dualidade: filha submetida-mãe autoritária e inaugurar um terceiro momento de diferenciação, isto pode ser um caminho criativo. Historicamente passou a "ser", diferenciando-se da boneca, "humano", deixando o pedestal de santa. Aproximar-se agora do feminino, será possivelmente o resultado de uma discriminação em relação ao masculino.